

O CAMPO INICIAL DA FRASE E A ESTRUTURA INFORMACIONAL DO TEXTO

*Selma M. Meiveles, Hardarik Blühdom**

Abstract: An important role in the coherence of texts is played by the distribution of information in the sentence. The present paper especially examines the beginning of sentences (topics). Which syntactic elements are most adequate to initiate a sentence, and which of their characteristics can be considered responsible for this? After a short review of the pertinent literature, we shall present grammatical, semantic and pragmatic factors that organize topicalization. The point of departure are the patterns of basic serialization as defined by the grammar. Deviations of these patterns can particularly be a result of the principle of known information. In addition to this constitutive principle, we can distinguish five regulative principles that lead to non-marked topicalizations (situation, empathy, iconicity, lengthening terms, text connection). In the closing sections, the positioning of phrasal accents and some special types of topics will be discussed. All the examples given are from modern German.

Zusammenfassung: Eine zentrale Rolle für die Kohärenz von Texten spielt die Verteilung der Informationen im Satz. In der vorliegenden Arbeit werden vor allem Satzanfänge (Topiks) betrachtet. Welche Elemente (Satzglieder) sind geeignete Anfangselemente, und auf welche Eigenschaften ist dies zurückzuführen? Nach einem Überblick über die einschlägige Literatur werden grammatische, semantische und pragmatische Faktoren vorgestellt, die die Topikalisierung regeln. Den Ausgangspunkt bildet die grammatisch definierte Grundserialisierung. Abweichungen von ihr können sich vor allem aufgrund des Bekanntheitsprinzips ergeben. Neben diesem konstitutiven Prinzip werden fünf weitere, regulative Prinzipien benannt, die zu einer unmarkierten Topikalisierung führen (Situierung, Empathie, Ikonizität, wachsende Glieder, Textkonnexion). In den Schlusskapiteln werden die Platzierung des Satzaccentes und einige besondere Typen von Topiks behandelt. Alle verwendeten Beispiele stammen aus der deutschen Gegenwartssprache.

Palavras-chave: Topicalização; Coerência Textual; Gramática; Língua Alemã.

* Os autores são professores doutores do Departamento de Letras Modernas, Área de Alemão, da USP.

1. Introdução

Entre os temas pertinentes à linguística textual, o conceito de **coerência** é especialmente importante (cf. KOCH & TRAVAGLIA 1993, 1995). A coerência é considerada um dos fatores característicos da textualidade, ou seja, uma das qualidades que fazem com que um texto constitua uma unidade delimitada e completa (cf. DE BEAUGRANDE & DRESSLER 1981: 4 s.; SOWINSKI 1983: 22, 83). Distinguem-se três aspectos complementares da coerência: o aspecto comunicativo, o cognitivo e o formal (cf. VAN DIJK & KINTSCH 1983: 78 ss.; STROHNER & RICKHEIT 1990; SCHADE & al. 1991; RICKHEIT & STROHNER 1992; RICKHEIT & al. 1995: 172 ss.).

Quando falamos em **coerência comunicativa**, pensamos na possibilidade de os participantes da comunicação atingirem uma compreensão mútua dentro de um contexto de experiências comuns. Tais reflexões pertencem ao âmbito da **pragmática textual** (cf. p. ex. SCHMIDT 1976; HEINEMANN & VIEHWEGGER 1991: 50 ss.).

A **coerência cognitiva** resulta da tendência dos falantes a se restringirem a uma relativa unidade temática dentro de cada texto. A unidade temática é construída a partir do conhecimento do mundo e das experiências acumuladas dos falantes. Estes aspectos são estudados pela **semântica textual** (cf. HEINEMANN & VIEHWEGGER 1991: 36 ss., 66 ss.; SCHNOTZ 1994: 143 ss.).

A **coerência formal** (também conhecida como coesão; cf. KOCH 1993) dá-se pelas ligações adequadas entre os elementos da superfície linguística do texto. Muitos autores ocuparam-se especialmente do estudo de elementos lexicais, como pronomes, determinantes, conjunções, entre outros (cf. p. ex. SCHECKER & WUNDERLI 1975; HALLIDAY & HASAN 1976; HARWEG 1979; DE BEAUGRANDE & DRESSLER 1981: 50 ss.; WEINRICH 1993). Tais pesquisas pertencem à **gramática textual**.

Parte da coerência textual é obtida por meio da estruturação do fluxo de informações (cf. SCHNOTZ 1994: 227 ss.). Isto corresponde a dizer que o falante deve organizar a seqüência em que apresenta suas idéias ao destinatário. Por isso, a **estrutura informacional** é um dos assuntos centrais da linguística textual.

Para o estudante de línguas, é importante conhecer os princípios da coerência e da estrutura informacional, pois estes formam a base para a produção e recepção adequada de textos, tanto na língua estrangeira como na língua materna (cf. KOCH & TRAVAGLIA 1993: 82 ss.). Também o professor deve conscientizar-se desses princípios, a fim de poder propiciar a seus alunos uma formação pertinente.

Pretendemos, portanto, neste artigo, esboçar alguns aspectos básicos da teoria da estrutura informacional e discutir seus efeitos na superfície formal, como já fizemos em *workshops* e na prática de aula. A partir de um breve resumo de teorias historicamente importantes, apresentaremos o conceito de **tópico** que nos servirá como base para determinar os fatores que regem a estruturação da informação. Restringimo-nos, aqui, a exemplos em alemão, embora, a princípio, consideremos universais as regras da estruturação da informação.

2. Conceitos da estrutura informacional

Na discussão sobre a estrutura informacional, foram estabelecidos dois pares de termos técnicos: *tópico* e *comentário* (mais frequentes na tradição norte-americana) e *tema* e *rema* (introduzidos por AMMANN 1928 e mais frequentes na tradição europeia). Com o segundo par também está relacionado o termo *perspectiva funcional da sentença* (inglês *functional sentence perspective*; alemão *Funktionale Satzperspektive*) (cf. KALLMEYER & MEYER-HERMANN 1980: 249).

Todos estes termos, comumente utilizados como quase sinônimos, foram definidos de maneira bastante heterogênea e imprecisa, muitas vezes confundindo aspectos pragmáticos, semânticos e gramaticais. Podemos, no entanto, distinguir seis critérios que freqüentemente se encontram na base das definições (cf. WEIGAND 1979; LEISS 1992: 125).

O critério mais antigo, advogado especialmente pelo linguista tcheco Vilém MATHESIUS (cf. 1928), é a distinção entre a entidade sobre a qual se diz algo (em alemão *Satzgegenstand*) e as informações que são fornecidas sobre esta entidade (em alemão *Satzaussage*) (cf. também SAPPE 1921: 119). Nota-se que este é um critério pragmático: o falante escolhe

uma entidade à qual ele se refere e sobre a qual pretende dizer algo. Tal escolha é um comportamento (intencional) do falante (cf. LYONS 1977: 177 s.). Embora o *Satzgegenstand* seja frequentemente designado pelo sujeito da oração, os dois não devem ser confundidos, pois a noção de sujeito é um conceito gramatical (cf. WEGAND 1979: 167 s., 178). O mesmo vale para o relacionamento entre *Satzaussage* e predicado (ib.). Foi estabelecida, na lingüística, a distinção entre o **sujeito gramatical** (marcado, em alemão e outras línguas, pelo nominativo e pela concordância com o verbo conjugado), o assim chamado **sujeito lógico** (o elemento que designa o agente) e o assim chamado **sujeito psicológico ou temático** (o elemento que designa o *Satzgegenstand*) (cf. VON DER GABELNITZ 1901: 102 s., 365 ss.; PAUL 1920: 124 ss.; LYONS 1977: 500 ss.; ERKOWS 1986: 2 ss.; EISENBERG 1994: 277 ss.; HALLDAY 1994: 31). O lingüista francês Jean M. ZEMB (cf. 1978: 396 ss.) elaborou a distinção entre *Satzgegenstand* e *Satzaussage*, constatando que, em termos semióticos, a codificação do *Satzgegenstand* se dá por designação (français *désignation*, alemão *Bezeichnung*) enquanto a *Satzaussage* é um puro significado (francês *signification*, alemão *Bedeutung*).

Um segundo critério, já inaugurado por MATHESIUS (cf. 1929: 126 s.) e destacado posteriormente pelo lingüista norte-americano WALLACE CHAFF (cf. 1974, 1979: 218 ss., 1994: 71 ss.), é a questão de saber se um conceito, na estimativa do falante, já se encontra ativado ou não na cognição do destinatário. Este critério recebe denominações como *informação conhecida* vs. *não-conhecida*, *dada/antiga* vs. *nova*, *introduzida* vs. *não-introduzida* (inglês *given/old* vs. *new information*, alemão *bekannt* vs. *unbekannt*, *gegeben* vs. *neu*, *eingeführt* vs. *nicht-eingeführt* *Information*; cf. HAFKA 1982: 195). Trata-se aqui de um critério cognitivo no que se refere ao conhecimento efetivo por parte dos interlocutores e de um critério pragmático no que se refere à relação comunicativa entre eles (cf. LYONS 1977: 508). Autores como o tcheco Jan FRYBAS (cf. 1965, 1966 a, 1987, 1995: 6 ss.) e a norte-americana ELLEN F. PRINCE (1981) conceberam o espectro entre informação conhecida e informação não-conhecida como uma escala variável (cf. também ERKOWS 1986: 52 ss.), enquanto CHAFF, nos anos setenta, o viu como uma distinção binária (cf. 1974: 120; diferente: 1994: 73).

Um terceiro critério é o que denominamos *pré-menção*, em conformidade com o termo *Vorwissenheit* usado em alemão (cf. WEGAND 1979: 68 s.; HAFKA 1982: 196; BRUNKER 1992: 27 ss.). A princípio, este é um critério formal, pois a menção ou não de um elemento pode ser verificada objetivamente na superfície do texto. Contudo, é controversa a questão de quão afastada do ponto atual de processamento a pré-menção de um elemento pode ter ocorrido para ainda ser considerada válida (cf. CHAFF 1974: 127 ss.). Cabe, também, mencionar que este critério está intimamente ligado à ativação cognitiva de conceitos, de modo que vários autores realmente consideraram pré-mencionadas não as palavras, mas sim, as unidades cognitivas (cf. ibd.: 124 ss.).

O quarto critério liga-se aos dois anteriores. Quando um conceito é considerado ativado, utiliza-se geralmente um elemento definido (p.ex. um artigo definido) para designá-lo em nível formal; quando é considerado ainda não ativado, utiliza-se um elemento indefinido (cf. FRYBAS 1966 b; LUTZ 1981: 70 s.). O mesmo vale para lexemas pré-mencionados e não pré-mencionados. Enquanto a ativação de conceitos é uma questão cognitiva, e o *status* da pré-menção ainda está em discussão, o uso de elementos definidos na superfície do texto é um fenômeno puramente formal.

Um outro critério claramente formal é a posição do acento principal da oração. Este critério, que já havia sido mencionado por PAUL (1920: 126) e MATHESIUS (cf. 1939: 430 s.), foi particularmente valorizado por HALLDAY (cf. 1967: 203 ss.; também CHAFF 1974). Segundo ele, o núcleo tônico da oração marca o sintagma que designa a informação mais nova, ou seja, menos conhecida. Discute-se ainda, se este critério é aplicável apenas a textos falados ou também a textos escritos (cf. WEGAND 1979: 183; HENTSCHEL 1983: 51 s.; THEIN 1994: 7).

O sexto critério, também de cunho formal, diz respeito à sequência dos elementos na oração (cf. PAUL 1920: 126). No sistema de ZEMB (cf. 1978: 394 ss.), a fronteira entre o tema (*Satzgegenstand*) e o rema (*Satzaussage*) na serialização básica da oração é marcada, no alemão, por elementos de ligação (os assim chamados *prädicatoris*) como, por exemplo, as partículas modais ou o elemento negativo *nicht* (cf. também: HENTSCHEL 1983). Outros autores destacam particularmente o

primeiro sintagma da sentença, por considerarem que este ancora a formação dada pelos demais elementos (cf. HALLDAY 1967: 211 ss.; LYONS 1977: 507; HEIDOLPH et al. 1984: 728). No sistema de HALLDAY, distingue-se entre a estrutura temática, descrita pelos termos *theme* e *rtheme*, e a estrutura informacional, descrita pelos termos *given* e *new* (cf. 1994: 299 ss.).

3. Tópico

Autores como F. TRÁVNÍČEK (1962, apud FIRBAS 1966 a: 267 ss., 273) e M.A.K. HALLDAY (cf. também 1970: 160 ss.; 1994: 37 ss.) atribuem ao primeiro sintagma da oração o termo *tema* (inglês *theme*). Como este e o termo *tópico* são utilizados como sinônimos em grande parte da literatura, e o uso terminológico de *tema* é facilmente confundido com o uso quotidiano desta palavra (cf. LÖTSCHER 1987), preferiremos aqui o termo *tópico* (cf. EROWS 1986: 15 s., 51; 1995: 54 s.), já que se fala freqüentemente em *topicalização* (alemão *Topikalisierung*) quando um elemento é deslocado para o início da frase.¹ Definimos *tópico*, então, como o primeiro elemento sintático da oração.

Na oração alemã, o *tópico* é mais facilmente identificado do que no português, devido ao posicionamento do verbo conjugado.

Em conformidade com muitos linguistas contemporâneos, consideramos que a *serialização básica* (alemão *Grundserialisierung*) da frase alemã caracteriza-se pela posição final do verbo finito (verbo conjugado) (cf. HEIDOLPH et al. 1984: 138 ss.; WEGENER 1985: 235 ss.; EROWS 1986: 36 s.; PRIMUS 1987: 92 ss.; EISENBERG 1994: 409). Esta serialização é encontrada freqüentemente nas orações subordinadas, cuja estrutura retrata exatamente a seqüência das ligações dos complementos ao verbo:

1 Nota-se que nosso argumento terminológico se opõe diametralmente ao de HALLDAY (cf. 1994: 38), que evita o termo *tópico* justamente pelo mesmo motivo pelo qual descarta-mos o termo *tema*.

- (1) kaufen
ein Buch kaufen
in der Buchhandlung einem Studenten ein Buch kaufen
heute in der Buchhandlung einem Studenten ein Buch kaufen
- Quando se acrescenta um sujeito a tal estrutura, o verbo será conjugado, resultando numa oração subordinada:

- (2) ... (daß) Maria heute in der Buchhandlung einem Studenten ein Buch kauft.

A fim de formar orações principais, o verbo finito pode ser deslocado para a posição inicial, o que ocorre, por exemplo, em orações imperativas:

- (3) Kauf heute in der Buchhandlung (bitte) einem Studenten ein Buch!

ou em perguntas polares (alemão *Entscheidungsfragen*):

- (4) Kauft Maria heute in der Buchhandlung einem Studenten ein Buch?

Em orações declarativas e em perguntas substitucionais (alemão *Ersatzungsfragen*²), o verbo finito, na maioria das vezes, é transferido para a segunda posição:

2 O termo mais usado nas gramáticas é *Ergänzungsfragen* (perguntas de complementação) (cf. DUDEN 1984: 561; BUSSMANN 1990: 250 s.). Acontece, porém, que este termo é bastante impreciso, uma vez que tais perguntas não se restringem a informações normalmente designadas por complementos gramaticais (sujeitos e objetos, alemão *Ergänzungen*), nem devem ser complementadas (alemão *ergänzt*) pela resposta. Na verdade, o elemento interrogativo é uma proforma e serve como substituto do elemento que deve tomar seu lugar na resposta. Por isso, o termo *Ersatzungsfrage* parece-nos o mais adequado.

uma entidade à qual ele se refere e sobre a qual pretende dizer algo. Tal escolha é um comportamento (intencional) do falante (cf. LYONS 1977: 177 s.). Embora o *Satzgegenstand* seja frequentemente designado pelo sujeito da oração, os dois não devem ser confundidos, pois a noção de sujeito é um conceito gramatical (cf. WEGAND 1979: 167 s., 178). O mesmo vale para o relacionamento entre *Satzaussage* e predicado (ib.). Foi estabelecida, na lingüística, a distinção entre o **sujeito gramatical** (marcado, em alemão e outras línguas, pelo nominativo e pela concordância com o verbo conjugado), o assim chamado **sujeito lógico** (o elemento que designa o agente) e o assim chamado **sujeito psicológico** ou **temático** (o elemento que designa o *Satzgegenstand*) (cf. VON DER GABELNITZ 1901: 102 s., 365 ss.; PAUL 1920: 124 ss.; LYONS 1977: 500 ss.; ERKOWS 1986: 2 ss.; EISENBERG 1994: 277 ss.; HALLDAY 1994: 31). O lingüista francês Jean M. ZEMB (cf. 1978: 396 ss.) elaborou a distinção entre *Satzgegenstand* e *Satzaussage*, constatando que, em termos semióticos, a codificação do *Satzgegenstand* se dá por designação (français *désignation*, alemão *Bezeichnung*) enquanto a *Satzaussage* é um puro significado (francês *signification*, alemão *Bedeutung*).

Um segundo critério, já inaugurado por MATHESIUS (cf. 1929: 126 s.) e destacado posteriormente pelo lingüista norte-americano WALLACE CHAFF (cf. 1974, 1979: 218 ss., 1994: 71 ss.), é a questão de saber se um conceito, na estimativa do falante, já se encontra ativado ou não na cognição do destinatário. Este critério recebe denominações como *informação conhecida* vs. *não-conhecida*, *dada/antiga* vs. *nova*, *introduzida* vs. *não-introduzida* (inglês *given/old* vs. *new information*, alemão *bekannt* vs. *unbekannt*, *gegeben* vs. *neu*, *eingeführt* vs. *nicht-eingeführt* *Information*; cf. HAFKA 1982: 195). Trata-se aqui de um critério cognitivo no que se refere ao conhecimento efetivo por parte dos interlocutores e de um critério pragmático no que se refere à relação comunicativa entre eles (cf. LYONS 1977: 508). Autores como o tcheco Jan FRYBAS (cf. 1965, 1966 a, 1987, 1995: 6 ss.) e a norte-americana ELLEN F. PRINCE (1981) conceberam o espectro entre informação conhecida e informação não-conhecida como uma escala variável (cf. também ERKOWS 1986: 52 ss.), enquanto CHAFF, nos anos setenta, o viu como uma distinção binária (cf. 1974: 120; diferente: 1994: 73).

Um terceiro critério é o que denominamos *pré-menção*, em conformidade com o termo *Vorerrwähtheit* usado em alemão (cf. WEGAND 1979: 68 s.; HAFKA 1982: 196; BRUNKER 1992: 27 ss.). A princípio, este é um critério formal, pois a menção ou não de um elemento pode ser verificada objetivamente na superfície do texto. Contudo, é controversa a questão de quão afastada do ponto atual de processamento a pré-menção de um elemento pode ter ocorrido para ainda ser considerada válida (cf. CHAFF 1974: 127 ss.). Cabe, também, mencionar que este critério está intimamente ligado à ativação cognitiva de conceitos, de modo que vários autores realmente consideraram pré-mencionadas não as palavras, mas sim, as unidades cognitivas (cf. ibd.: 124 ss.).

O quarto critério liga-se aos dois anteriores. Quando um conceito é considerado ativado, utiliza-se geralmente um elemento definido (p.ex. um artigo definido) para designá-lo em nível formal; quando é considerado ainda não ativado, utiliza-se um elemento indefinido (cf. FRYBAS 1966 b; LUTZ 1981: 70 s.). O mesmo vale para lexemas pré-mencionados e não pré-mencionados. Enquanto a ativação de conceitos é uma questão cognitiva, e o *status* da pré-menção ainda está em discussão, o uso de elementos definidos na superfície do texto é um fenômeno puramente formal.

Um outro critério claramente formal é a posição do acento principal da oração. Este critério, que já havia sido mencionado por PAUL (1920: 126) e MATHESIUS (cf. 1939: 430 s.), foi particularmente valorizado por HALLDAY (cf. 1967: 203 ss.; também CHAFF 1974). Segundo ele, o núcleo tônico da oração marca o sintagma que designa a informação mais nova, ou seja, menos conhecida. Discute-se ainda, se este critério é aplicável apenas a textos falados ou também a textos escritos (cf. WEGAND 1979: 183; HENTSCHEL 1983: 51 s.; THEIN 1994: 7).

O sexto critério, também de cunho formal, diz respeito à sequência dos elementos na oração (cf. PAUL 1920: 126). No sistema de ZEMB (cf. 1978: 394 ss.), a fronteira entre o tema (*Satzgegenstand*) e o rema (*Satzaussage*) na serialização básica da oração é marcada, no alemão, por elementos de ligação (os assim chamados *prädicatoris*) como, por exemplo, as partículas modais ou o elemento negativo *nicht* (cf. também: HENTSCHEL 1983). Outros autores destacam particularmente o

- (5) *Maria*kauft heute in der Buchhandlung einem Studenten ein Buch,

assim isolando do restante da frase um campo denominado **campo inicial** (alemão *Vorfeld*; cf. WEINRICH 1993: 60 ss.), no qual se encontra o primeiro elemento frasal, ou seja, o tópico (em nosso exemplo, *Maria*)

Esta transformação, que tem um grande valor diagnóstico para o linguísta (cf. DUDEN 1984: 563; HELBIG & BUSCHA 1986: 533), ocorre tão frequentemente em alemão, que muitos gramáticos consideram o posicionamento do verbo finito no segundo lugar como a serialização neutra da frase alemã (cf. p. ex. HARTKA 1982: 194; WEINRICH 1993: 33). Sem querer adotar esta opinião, que concebe a serialização neutra independentemente da sequência das ligações dos complementos ao verbo, consideramos que a segunda posição, prevista como alvo da transferência do verbo, delimita o tópico mesmo em orações subordinadas. Assim, o elemento *Maria* é visto como tópico da oração também no exemplo (2).

Há, contudo, elementos, que devem ser posicionados ainda antes do campo inicial. No exemplo (2), a **conjunção *daß*** é um desses elementos. A posição que ocupa é denominada **posição zero** (cf. HALLDAY 1967: 220).³

Nesta posição colocam-se também, frequentemente, os assim chamados **conectores de discurso** (alemão: *Diskurskonnektoren*):

- (6) *Erstens*, du hast nie Zeit für mich, *zweitens*, du hörst mir nie zu, und *drittens*, du läßt immer die Zahnpastatube offen.

Entretanto, na maioria dos casos, eles também podem ser integrados à estrutura da oração:

3 Existem alguns tipos de elementos, que podem dar a impressão de estar no início da frase, embora não estejam realmente integrados à estrutura sintática. Entre estes encontram-se interjeições (*Oh, der Hund hat die Pantoffeln gefressen!*), vocativos (*Maria, du hast ja das falsche Buch gekauft!*) e palavras-frases (alemão *Satzwörter*: *Ja, das habe ich auch schon gemerkt!*). Tais elementos não ocupam nem a posição do tópico, nem a posição zero na frase, mas sim, formam frases separadas.

- (7) *Erstens* hast du nie Zeit für mich, *zweitens* hörst du mir nie zu und *drittens* läßt du immer die Zahnpastatube offen.

A seguir, pesquisaremos mais detalhadamente a questão de quais elementos podem se encontrar no campo inicial e quais fatores os tornam adequados para assumir o *status* de tópico.

4. Fatores que regem a topicalização

O campo inicial é preenchido por um sintagma, seja ele nominal, verbal ou adverbial. A princípio, todos os sintagmas de uma oração, em alemão bem como em português, podem ser deslocados para o campo inicial (o início da frase). Os falantes utilizam-se desta possibilidade para obter determinados efeitos comunicativos. Nem todos os sintagmas, contudo, são igualmente adequados para preencher a primeira posição.

4.1. Serialização básica

O primeiro fator a ser considerado é a serialização básica. Por um lado, como já vimos, esta é definida em alemão pelo posicionamento final do verbo finito. Por outro lado, ela é influenciada pelo **padrão sintático** (alemão *Satzmuster*, *Satzmodell* ou *Satzbauplan*).

A noção do padrão sintático foi introduzida na gramática alemã por autores que se ocuparam da teoria das valências (p. ex. DUDEN 1984: 602 ss.; HELBIG & BUSCHA 1986: 67, 619 ss.; ENGEL 1988: 198 ss.). Segundo esta teoria, verbos e alguns outros tipos de palavras definem lacunas a serem preenchidas por complementos, os quais devem assumir uma determinada forma gramatical. A teoria das valências tem vários pontos em comum com a noção de regência já conhecida da gramática tradicional (cf. p. ex. FERNANDES 1991; BORBA et al. 1991).

Por padrão sintático entende-se, portanto, um conjunto de complementos exigidos por um verbo (portador de valência). Assim, o verbo *geben* exige como complementos um nominativo (NOM), um acusativo (AKK) e um dativo (DAT):

- (8.a) Der Student (NOM) gibt dem Hausmeister (DAT) den Apfel (AKK).

Na maior parte da literatura pertinente, é desconsiderada a sequência dos complementos, criando-se a impressão de que ela não é importante. Dicionários de regências verbais, como o de HELBIG & SCHENKEL (1973: 278 s., 312 s.), e gramáticas, como a de DUDEN (1984: 616 ss.), apresentam verbos como *geben* em (8.a) e *unterziehen* em:

- (9.a) Der Professor (NOM) unterzieht die Studenten (AKK) der Prüfung (DAT).

dentro de uma mesma classe, por exigirem o mesmo conjunto de complementos. No entanto, os nossos exemplos demonstram claramente que a sequência dos complementos não é aleatória. Variações como (8.b) e (9.b) seriam consideradas contrastivas ou mesmo estranhas:

- (8.b) Der Student gibt den Apfel dem Hausmeister.
(9.b) Der Professor unterzieht der Prüfung die Studenten.

Nós gostaríamos, portanto, de atribuir um papel mais significativo à serialização dos complementos, sugerindo que cada portador de valência impõe não somente uma seleção de formas gramaticais, mas também uma serialização básica a ser realizada por seus complementos (cf. BLÜNDORN 1993 a: 91).

Tomando por base esta concepção, chega-se a um número de cerca de 60 padrões sintáticos diferentes para a língua alemã de hoje (cf. ib.: 189-205), entre os quais se encontram, inclusive, alguns padrões que não apresentam o NOM na primeira posição ou mesmo não contêm nenhum NOM:

- (10.a) Dem Studenten (DAT) schwant Schlimmes (NOM). (padrão: DAT + NOM)

- (11.a) Mich friert. (padrão: AKK)
(12.a) Dem Kind graut vor dem Mann. (padrão: DAT + PREP *vor*)

Nota-se, porém, que nas línguas indo-europeias, o portador do NOM é o elemento mais comum para ocupar a primeira posição da serialização básica (cf. FRIBAS 1987: 149).

Os padrões sintáticos subjazem tanto às orações principais quanto às subordinadas:

- (8.c) ... (daß) der Student dem Hausmeister den Apfel gibt.
(9.c) ... (daß) der Professor die Studenten der Prüfung unterzieht.
(10.b) ... (daß) dem Studenten Schlimmes schwant.
(11.b) ... (daß) mich friert.
(12.b) ... (daß) dem Kind vor dem Mann graut.

A serialização básica constitui a condição inicial para a determinação do tópico. Isto equivale a dizer que, não havendo nada em contrário, o primeiro elemento da serialização básica será topicalizado. Em nossos exemplos, os tópicos são *der Student* (8), *der Professor* (9), *dem Studenten* (10), *mich* (11) e *dem Kind* (12).

4.2. Elementos interrogativos e relativos

Um segundo fator, que opera sobre a serialização básica, é a presença de elementos interrogativos ou relativos:

- (13) Die Pantoffeln, die der Hund gefressen hat, gehörten mir.
(14) Woher kommst du denn um diese Uhrzeit?
(15) Ich will wissen, woher du jetzt kommst.

Tais elementos devem ocupar o campo inicial na grande maioria dos casos, tanto em orações principais quanto em subordinadas, mesmo conta a serialização básica, como em nossos exemplos (cf. Halliday 1967: 212 s.). Elementos interrogativos não topicalizados encontram-se apenas em casos de ênfase:

(16) Du hast/WAS gegessen?⁴

4.3. Princípio da informação conhecida

O próximo fator é a presença de informação que, na estimativa do falante, já é conhecida pelo destinatário. Este fator engloba os critérios dois a quatro mencionados no item 2.

Parece-nos necessário apresentar aqui algumas teses sobre o mecanismo básico da comunicação. Podemos supor que o processo de comunicação envolve a construção de representações cognitivas por ambos os interlocutores. Se o falante pretende que o destinatário atinja uma representação semelhante à sua, ele deve orientá-lo apropriadamente por meios linguísticos, os quais, desta forma, assumem o caráter de *instruções*. Durante toda a comunicação, o falante deve formular e atualizar hipóteses sobre o conhecimento ativado e as representações já construídas na cognição do destinatário. Apenas desta maneira, ele pode produzir as instruções adequadas à compreensão.

Evidentemente, supõe-se que todo evento de comunicação acrescenta pelo menos uma informação nova ao conhecimento do destinatário. Para ser efetivo, o componente supostamente novo deve ser ancorado em informações já conhecidas e ativadas. Em seguida, tal componente passará a ser considerado informação conhecida e irá, por sua vez, servir de suporte para novas informações (cf. DANES 1970; LÖTSCHER 1987: 252 ss.). Este princípio é frequentemente abordado na linguística sob os

termos *articulação de tema e rema* (inglês *topic-comment-articulation*, alemão *Thema-Rhema-Gliederung*) e *progressão temática* (alemão *thematische Progression*).

O que, então, pode ser considerado informação já conhecida (sobre esta questão, veja também: НАРКА 1982: 196 ss.; ФИБАС 1987: 145 ss.)?

Para começar, tudo o que faz parte da situação comunicativa (isto é, o falante, o destinatário, a mensagem, o próprio texto, bem como o tempo e o lugar da comunicação e os objetos circunstantes) pode ser (e muitas vezes automaticamente é) considerado conhecido (cf. CHAFE 1974: 122 ss.). Os elementos linguísticos utilizados para referência a tais grandezas são comumente denominados *déiticos* (cf. BLÜNDORN 1993 b, 1995 a, 1995 b):

(17) Ich hole jetzt das Bier.

Aos déiticos pertencem, ainda, todos os elementos cuja referência é calculada a partir da situação comunicativa como ponto zero (p. ex. *ontem*, que designa o dia anterior ao dia da fala; cf. BLÜNDORN 1993 b: 56 ss.):

(18) Gestern habe ich dort drüben ein herrenloses Schwein gesehen.

As informações trazidas por tais elementos também são consideradas conhecidas.

Além disso, vale como conhecido tudo o que é designado, no texto, por elementos *pré-mencionados*, os quais supostamente ainda permanecem ativados na memória de curta duração do destinatário (particularmente, mas não apenas, elementos que ocorreram na frase imediatamente anterior; cf. CHAFE 1974: 127 ss.; 1994: 79 s.):

(19) In einem tiefen, grünen Brunnen am Waldrand nah beim Königsschloß lebte vor langer Zeit ein dicker, brauner Frosch. Dieser Frosch, der wirklich keine Schönheit war, liebte es für sein Leben, Prinzessinnen zu küssen.

4 As letras maiúsculas marcam a sílaba portadora do acento principal do grupo fonético. A barra (/) antes da sílaba indica um acento ascendente, o barra invertida (\) após a sílaba um acento descendente.

Em terceiro lugar, uma informação pode ser considerada já conhecida, quando pertence ao conhecimento geral do mundo partilhado pelos interlocutores. Entende-se por **conhecimento de mundo** (alemão *Weltwissen*) o inventário de tudo o que um ser humano sabe a respeito de situações e objetos com os quais é confrontado durante sua vida (cf. KOCH & ТРАВУГИА 1995: 60 ss.). Tais experiências podem levar à formação de categorias e padrões a serem futuramente utilizados para o reconhecimento e o processamento de novas experiências.

Distinguem-se, dentro do conhecimento de mundo, os assim chamados **conhecimento type** (alemão *type-Wissen*) e **conhecimento token** (alemão *token-Wissen*) (cf. SCHWARZ 1992: 58 ss.; BISLE-MÜLLER 1991: 44 s., 50 ss.). O conhecimento *type* abrange categorias e padrões que se aplicam a situações e objetos diversificados, pertencentes à cultura de um grupo social (cf. CHAFFÉ 1974: 124 ss.). Assim, no exemplo (20), pressupõe-se que todos sabiam que casas têm portas:

(20) *Wir kamen an ein Haus. Die Tür war offen.*

O conhecimento *token*, por outro lado, é específico e não-padroneizado. Ele abrange as experiências particulares de um indivíduo, as quais podem ser partilhadas por outros indivíduos, sem, no entanto, assumirem a função de valores culturais. Assim, no exemplo (21), pressupõe-se que o destinatário sabia a qual poça (*Pfütze*) o falante se referia, devido a uma experiência particular de ambos:

(21) *Gestern war ich wieder in Regensburg. Die Pfütze war immer noch da.*

Um sinal formal importante para indicar informação já conhecida é o uso de elementos definidos tais como os tradicionalmente denominados artigos definidos, pronomes pessoais, possessivos, demonstrativos e outros (cf. BISLE-MÜLLER 1991: 50 ss.).

Segundo os teóricos da linguística textual, existe uma tendência universal a organizar a comunicação de modo que informações já conheci-

das constituam o ponto de partida, sendo seguidas pelas informações novas (cf. BEHAGHEL 1932: 4; HALLIDAY 1967: 205; DANES 1970; HAFKA 1982: 198 s.; EROMS 1986: 46). Queremos denominar esta tendência de **princípio da informação conhecida**. Devido a tal princípio, todos os elementos da oração que designam informações já conhecidas são bons candidatos a ocupar o campo inicial, ou seja, a serem topicalizados. Daí a probabilidade de se encontrar maior número de elementos definidos próximos ao início da frase.

4.4. Princípio de situamento

Às vezes, uma oração apresenta mais de um elemento adequado a ser topicalizado segundo o princípio da informação conhecida. Em tais casos, outros fatores influenciavam a topicalização como princípios regulativos, fatores que sob certas condições podem inclusive prevalecer contra o princípio da informação conhecida. Gostaríamos de apresentar a seguir cinco destes fatores.

O primeiro deriva-se do fato de que tudo o que acontece, acontece em algum lugar no tempo e no espaço, ou seja, acontece situadamente. Assim o receptor de uma mensagem linguística está preparado a qualquer momento para receber uma especificação referente ao situamento daquilo que é comunicado (cf. EROMS 1986: 16 s.; FIRBAS 1987: 147).

Particularmente no início de um texto, enquanto não há ainda muitas informações que podem ser consideradas conhecidas, especificações de situamento oferecem-se como bons candidatos a ocupar o campo inicial (cf. DOWNING 1991: 132 ss.):

(22) *Zu Port au Prince, auf dem französischen Anteil der Insel St. Domingo, lebte, zu Anfange dieses Jahrhunderts, als die Schwarzen die Weißen ermordeten, auf der Pflanzung des Herrn Guillaume von Villeneuve, ein fürchterlicher alter Neger namens Congo Hoango. (Heinrich von KLEIST, Die Verlobung in St. Domingo)*

Esta primeira frase de um famoso conto de Heinrich von Kleist começa por uma especificação do lugar onde a história se desenrola, seguida por uma especificação do situamento temporal e por mais uma especificação de lugar, antes de apresentar a primeira personagem.

Também no decorrer de um texto, especificações de situamento podem facilmente assumir a função de tópico. Esta tendência que, num certo sentido, é aparentada com o princípio da informação conhecida, mas que contraria a serialização básica definida pelo padrão sintático, será denominada **princípio de situamento**.

4.5. Princípio de empatia

O segundo princípio regulativo diz respeito à questão de saber se o falante refere-se ou não a entidades animadas. A maioria das escolas da semiótica prevê para a classificação de entidades uma diferenciação entre seres humanos (indicados convencionalmente pelo símbolo [\pm Hum]), e animados (\pm Anim), abstratos (\pm Abstr]) etc. (cf. p.ex. HEIBIG & SCHENKEL 1973: 97 s.; LYONS 1977: 442 ss.). Devido a um princípio a que chamaremos **princípio de empatia**, seres humanos têm tendência a se referirem em primeiro lugar a seus iguais, ou seja, a seres humanos, antes de se referirem a outras entidades, e a estas segundo o grau de animação que lhes é atribuído (p.ex. animais antes de objetos; cf. LYONS 1977: 510 s.; COMRIE 1983: 178; WEGENER 1985: 249 ss., 285 ss.; FRAWLEY 1992: 89 ss.).

Em textos por nós examinados, encontramos vários exemplos nos quais o princípio de empatia prevaleceu sobre o padrão sintático. Comentaremos, a seguir, dois desses exemplos.

- (23) Zum Duisburger Zoo kommen fast 1 Million Besucher pro Jahr, – mehr als in Oper, Theater, Konzerte, Volkshochschul- und Sportveranstaltungen zusammen. Für die Menschen muß ein zoologischer Garten demnach eine sehr wichtige Einrichtung sein, (...).

Na segunda oração deste exemplo, encontram-se três elementos igualmente adequados para ocupar o campo inicial: *für die Menschen* (trazendo informação já introduzida pela expressão *fast 1 Million Besucher*), *ein zoologischer Garten* (sujeito da oração e, além disso, já preparado pela expressão *zum Duisburger Zoo*) e *demnach*, que pronominaliza por inteiro a oração anterior. Destes três, foi topicalizado o único elemento que designa entidades animadas, mesmo contra o padrão sintático.

- (24) Für die meisten Tierarten ist erst die Haltung – ob in einem Gehege, einem Aquarium oder einem Käfig – Voraussetzung dafür, ihre Lebensweise zu ergütinden und damit die Grundlage wirksamer Naturschutzmaßnahmen zu schaffen. Bei Bewohnern der Meeresstiefe, deren Beobachtung im natürlichen Lebensraum besonders schwierig ist, hat die Zoohaltung eine noch größere Bedeutung, (...).

Aqui, o elemento *bei Bewohnern der Meeresstiefe, deren Beobachtung im natürlichen Lebensraum besonders schwierig ist* corre com o elemento *die Zoohaltung*. Embora este último tenha sido pré-mencionado (*die Haltung*), além de ser sujeito da oração, o primeiro elemento foi topicalizado segundo o princípio de empatia, apesar de sua extensão torná-lo menos apropriado à topicalização (veja item 4.7).

O fator de animação é confundido muitas vezes com a função temática do agente. Geralmente distingue-se, na linguística, as funções de agente, paciente, recipiente, beneficiário, instrumento e outras (cf. FILMORE 1968; LYONS 1977: 494 ss.). Assim, no exemplo (25), o sepo, como participante ativo, assume a função de agente, enquanto a princesa pode ser considerada paciente, recipiente ou beneficiária (dependendo da interpretação que se dá ao incidente) e os lábios assumem a função de instrumento:

- (25) Der Frosch (agente) küßte die Prinzessin (paciente/recipiente/beneficiária) mit seinen breiten Froschlippen (instrumento).

Nota-se, porém, que o agente não precisa necessariamente ser animado, como no exemplo (26), no qual o tempo é considerado agente:

(26) Das schlechte Wetter macht die Leute krank.

Nas línguas indo-europeias, em orações que representam processos ativamente controlados, o elemento designativo do agente, na maioria dos casos, coincide com o sujeito, sendo automaticamente topicalizado (cf. LEISS 1992: 88 ss.). Em alemão, apenas os padrões sintáticos que serializam um NOM no primeiro lugar servem para designar processos ativamente controlados (cf. BLÜHDORN 1993 a: 87 ss., 189 s.). Em orações que não representam tais processos, sujeito e agente não coincidem, pois não há nenhum agente:

(27) Das Auto gehört ihnen.

Em orações na voz passiva, o elemento que designa o agente perde a função de sujeito e é omitido ou realizado como grupo preposicional:

(28) Der Präsident wurde (vom Parlament) seines Amtes enthoben.

Assim, em alemão (como provavelmente em todas as línguas indo-europeias), a função temática não tem qualquer efeito em termos de modificação dos padrões sintáticos. Uma topicalização que infrinja um padrão sintático pode acontecer devido ao princípio de empatia, mas não à função temática.

4.6. Princípio de iconicidade

O terceiro princípio regulativo é o **princípio de iconicidade**. Um ícone, segundo PEIRCE, é um signo que se assemelha ao designado (cf. PEIRCE 1983: 64 ss.; LYONS 1977: 102 ss.; a palavra grega *eikón* significa *imagem*). A linguística estruturalista enfatizava frequentemente a arbitri-

idade da relação entre língua e realidade (cf. SAUSSURE 1967: 79 ss.). Trabalhos mais recentes (p. ex. LEISS 1992: 5) contrariam esta visão, desfacando fenômenos que mostram um paralelismo entre formas linguísticas e conceitos da realidade.

O exemplo mais evidente são as seqüências temporais. Na realidade, os eventos concatenam-se naturalmente, sucedendo-se uns aos outros; tal estrutura se oferece como modelo para a organização de textos. Como o texto, ainda mais claramente do que o tempo, é restrito à linearidade, é natural que ele retrate a realidade, mencionando primeiro o que acontece primeiro e, depois, o que acontece depois:

(29) Nach dem Essen geht sie ins Bett.

Neste exemplo, dos três elementos que designam entidades provavelmente já conhecidas (*she*, na função de sujeito, *ins Bett* e *nach dem Essen*, note-se os artigos definidos), o termo *nach dem Essen*, é topicalizado, segundo a seqüência real dos eventos (primeiro a pessoa come, depois vai para a cama).

O princípio de iconicidade pode levar também à topicalização de orações subordinadas:

(30) Nachdem sie ein Glas Wasser getrunken hat, geht sie ins Bett.

Mas as seqüências temporais não são, de forma alguma, o único campo de aplicação deste princípio. Outros campos são as relações condicionais, causais, proporcionais, adversativas e concessivas:

(31) Wenn du lieb bist, fahren wir in den Zoo. (condicional)

(32) Da du nicht lieb warst, fahren wir nicht in den Zoo. (causal)

(33) Je länger die Haare, desto kürzer der Verstand. (proporcional)

(34) Während Peter sehr fleißig ist, ist Paul stinkfaul. (adversativa)

- (35) *Obgleich ich keine Lust habe, gehe ich mit dir in den Zoo.*
(concessiva)

É interessante que, em alemão, a maioria das conjunções subordinativas (com exceção de *bevor*, *bis*, *damit*, *so daß* e poucas outras) são anti-icônicas quando usadas na segunda parte da oração. Apenas pela topicalização da oração subordinada garante-se que a seqüência na qual os fatos são mencionados reproduza a seqüência na qual acontecem, são percebidos ou se relacionam logicamente.

Considerando-se o padrão sintático e o princípio da informação conhecida, a oração subordinada muitas vezes parece bastante inadequada para ocupar o campo inicial (cf. os exemplos (30), (31), (32) e (35)). De fato, apenas o princípio de iconicidade explica sua topicalização.

No entanto, a língua oferece também a opção de reverter a seqüência icônica:

- (36) *Claudia ist schon todmüde. Aber bevor sie zu Bett geht, ist sie noch etwas.*

Neste caso, a previsão de que a pessoa se deitará deriva do conhecimento do mundo em função da expressão *todmüde* e pode ser considerada informação conhecida. A informação nova, por sua vez, é o detalhe de que, antes disso, ela pretende comer algo. Daí a seqüência natural ser invertida devido ao princípio da informação conhecida. O exemplo demonstra que o princípio de iconicidade não é um princípio constitutivo da topicalização, mas sim, um princípio regulativo, que só se aplica em conjunto com outros fatores. A liberdade do falante, de optar entre diferentes possibilidades de começar uma oração, se dá justamente na medida em que diferentes princípios da topicalização interagem.

4.7. Princípio dos termos crescentes

Pelo princípio da informação conhecida, nossa atenção já foi direcionada para a importância do processamento cognitivo na comuni-

cação. Tal processamento engloba também aspectos quantitativos. Pode-se supor que unidades menores de informação são processadas com maior facilidade que unidades mais complexas.

A partir desta hipótese foi formulado o assim chamado **princípio dos termos crescentes**, segundo o qual elementos curtos tendem ao início enquanto elementos longos tendem ao final da oração (cf. BENDIGEL 1932: 74; WEGENER 1985: 253 s.; EROMS 1986: 47). Tal princípio possibilita que o receptor inicie o processamento com dados mais manejáveis, que exigem menor esforço cognitivo, poupando energia para concluir com os dados mais trabalhosos. Um começo com dados muito complexos, pelo contrário, pode causar uma sobrecarga tal que o leva a perder de vista a totalidade da mensagem.

Segundo este quarto princípio regulativo, elementos curtos apresentam-se bem à topicalização, enquanto sintagmas preposicionais, orações subordinadas e todos os elementos contendo componentes intercalados (inglês *embedded structures*, alemão *eingebettete Strukturen*) devem ser deslocados em direção ao final da oração. A língua alemã oferece, inclusive, a possibilidade de extrair termos ou partes de termos muito longos, posicionando-os fora da estrutura padrão (no assim chamado *campo terminal*, alemão *Nachfeld*; cf. WEINRICH 1993: 71, 83 ss.):

- (37) *Ich frage mich, wo das Buch geliebt ist, das ich gestern gekauft habe.*

Neste exemplo, a oração relativa *das ich gestern gekauft habe* foi até separada do termo *das Buch*, ao qual está subordinada.

Nota-se que muitos elementos adequados para ocupar o campo inicial em função do princípio da informação conhecida, tais como elementos dêiticos, pronomes e outros, são ao mesmo tempo elementos curtos, assim obedecendo também ao princípio dos termos crescentes. Por outro lado, a topicalização de frases subordinadas segundo o princípio de iconicidade contradiz o princípio dos termos crescentes, demonstrando que, em casos de conflito, o princípio de iconicidade é mais forte.

4.8. Princípio dos conectores de discurso

No item 3, já mencionamos os assim chamados conectores de discurso. Estes são elementos como *und*, *oder*, *allein*, *aber*, *doch*, *jedoch*, *einerseits* – *andererseits*, *erstens* – *zweitens* – *drittens*, *trotdem*, *außerdem*, *dennoch*, *denmach* etc. Tais elementos servem para explicitar as relações entre as frases e indicar o percurso argumentativo perseguido pelo autor de um texto (cf. HALLIDAY 1994: 49 s.).

Quanto a seu posicionamento na oração, distinguem-se diferentes graus de liberdade. Alguns, como *und*, *oder*, *sondern*, *denn*, *allein* e *ja*, apenas podem ocupar a posição zero, antes do campo inicial, e não se integram à estrutura da oração:

(38.a) Und (pos. zero) ich (tópico) habe heute keine Zeit.

(38.b) * Und (tópico) habe ich heute keine Zeit.

(38.c) * Ich habe und heute keine Zeit.

Os elementos *denn* e *ja*, quando aparecem incorporados à estrutura sintática, são partículas modais (alemão *Abtönungspartikeln* ou *Modalpartikeln*; cf. HENTSCHEL 1983; THURMAIR 1993) e não conectores de discurso:

(39.a) Sie hat mir, als ich eine Frage hatte, nicht geholfen. Ja, sie hat mir noch nicht einmal geantwortet. (conector de discurso)

(39.b) * Ja hat sie mir noch nicht einmal geantwortet.

(39.c) Sie hat ja dem Willi auch nicht geholfen. (partícula dando a entender que o falante acredita já ter indicado o fato ou o acha um fato geralmente conhecido)

O elemento *doch* permite marginalmente uma integração à estrutura sintática como conector de discurso, mas apenas na posição do tópico:

(40.a) Doch ich habe heute keine Zeit.
(40.b) Doch habe ich heute keine Zeit.

No meio da oração, *doch* é partícula modal, como *denn* e *ja*:

(40.c) Ich habe doch heute keine Zeit. (indicando que, na opinião do falante, o destinatário deveria saber do fato)

O elemento *aber* pode ser integrado na oração, mas não como tópico:

(41.a) Aber ich habe heute keine Lust.

(41.b) * Aber habe ich heute keine Lust.

(41.c) Ich habe aber heute keine Lust.

O restante dos elementos listados apresenta maior liberdade quanto ao posicionamento. Alguns podem ocupar a posição zero ou ser integrados à oração:

(42.a) Außerdem, sie hat überhaupt keine Lust.

(42.b) Außerdem hat sie überhaupt keine Lust.

(42.c) Sie hat außerdem überhaupt keine Lust.

Outros sempre devem ser integrados:

(43.a) * Demnach, sie hat keine Zeit.

(43.b) Demnach hat sie keine Zeit.

(43.c) Sie hat demnach keine Zeit.

Observa-se que os elementos mais longos, que ao mesmo tempo são morfológica e semanticamente compostos e transparentes, integram-

se mais facilmente à estrutura da oração, enquanto os elementos mais curtos, que são morfológica e semanticamente opacos, têm maior dificuldade de integração.

Mesmo assim, todos os conectores de discurso apresentam uma forte tendência ao início da oração (cf. HALLIDAY 1967: 220 s.). Esta tendência pode ser explicada em parte pelo princípio da informação conhecida, em elementos como *außerdem*, *troisdem*, *dennach* etc., que contêm componentes definidos (*aquidem*). Esta explicação, contudo, não se aplica a casos como *einerseits* – *andererseits*, *erstens* – *zweitens* – *drittens* etc. O fato de que tais elementos são freqüentemente topicalizados deve-se à sua função de estruturar o percurso da argumentação. Usando conectores de discurso, o falante indica para o destinatário o rumo que pretende dar ao argumento, ou seja, seu relacionamento com os argumentos anteriores, como enumeração, complementação, paralelismo, oposição, proporção etc. Parece-nos, portanto, natural, que elementos com tal função de articulação sejam colocados próximos ao início da frase e não no final, onde não mais facilitariam a compreensão. Para esta tendência, usaremos o termo **princípio dos conectores de discurso**, o quinto fator regulativo que influencia a topicalização.

Segundo nossas observações, os conectores de discurso são usados diferentemente na língua falada e na língua escrita. Na fala, o deslocamento para a posição zero acontece com maior freqüência, pois permite ao falante fazer uma pequena pausa para planejar o argumento. Na escrita, é considerada mais elegante a integração dos conectores à estrutura sintática, quando possível, particularmente o deslocamento para a terceira posição, após o verbo finito:

- (44) Diskurskonnectoren können leicht topikalisiert werden. Man muß allerdings beachten, daß dieses Prinzip mit anderen Prinzipien interagiert.

Por meio deste posicionamento do conector, sua força é levemente reduzida, dando ao receptor a impressão de maior autonomia de interpretação.

4.9. Núcleo remático

Até agora, ocupamo-nos exclusivamente dos princípios que dizem respeito diretamente ao processo de topicalização. O tópico foi definido em relação à sua posição serial como o primeiro elemento integrante da oração. Apresentamos um princípio constitutivo e cinco princípios regulativos, os quais, em conjunto, definem um bom candidato para ocupar o campo inicial. O processo da topicalização, deste modo, organiza a oração da esquerda para a direita.

Segundo o princípio da informação conhecida, uma posição próxima ao final da oração deveria, em casos não-marcados, ser ocupada pelo elemento que traz a informação mais nova e, conseqüentemente, mais importante. Em concordância com a terminologia mais difundida, gostaríamos de usar o termo **núcleo remático** (alemão *Rhemagipfel*) para este elemento (cf. EROWS 1986: 47; 1995: 53 ss.). Como já foi mencionado no item 2, o núcleo remático, na língua falada, é marcado pelo acento principal (alemão *Griffelakzent*) da oração (cf. *ibid.*: 59), o que não acontece, da mesma maneira, na escrita (cf. HALLIDAY 1967: 204; HAFRKA 1982: 200 s.). O acento principal, em frases declarativas do alemão, é um acento descendente, enquanto um acento ascendente é um acento secundário:

- (45. a) Ma/Rla hat heute in der Buchhandlung einem Studenten ein
BUCHA gekauft.⁵

A noção de núcleo remático, porém, não é uma noção serial como a de tópico. Trata-se aqui de um conceito qualitativo, o que implica que o posicionamento ao final da oração não é uma condição necessária. Quando um falante pretende valorizar especialmente um determinado compo-

5 Por motivos de espaço, negligenciamos aqui a possibilidade de colocar mais de um acento ascendente numa só oração: *Ma/Rla // hat // HEUe // in der // BUCHhandlung // einem // Su- // DENten ein BUCH gekauft*. Uma seqüência de acentos ascendentes seguintes divide a oração em vários grupos fonéticos, indicados pela barra dupla (//). O último acento ascendente fica junto com o acento descendente no último grupo fonético. Mais do que um acento descendente por oração normalmente não ocorre em alemão.

nente da informação, pode transformá-lo em núcleo remático, mesmo que o elemento correspondente ocupe uma posição mais distante do final da oração. Em tais casos, o acento ascendente e o acento descendente reúnem-se em um só elemento, criando um efeito de **contraste**:

(45. b) Maria hat heute in der Buchhandlung einem Stu/DEN\ten ein Buch gekauft.

(45. c) Maria hat heute in der /BUCHhandlung einem Studenten ein Buch gekauft.

(45. d) Maria hat /HEU\te in der Buchhandlung einem Studenten ein Buch gekauft.

(45. e) Ma/RI\A hat heute in der Buchhandlung einem Studenten ein Buch gekauft.

Nos exemplos (45. a) a (45. e), a serialização dos elementos da oração corresponde à serialização básica que, neste caso, está de acordo com o princípio da informação conhecida.

Acontece, porém, que o campo inicial também pode ser ocupado por um outro elemento sintático, negligenciando o princípio da informação conhecida, enquanto tal elemento for portador do núcleo remático:

(45. f) Ein /BUCH\ hat Maria heute in der Buchhandlung einem Studenten gekauft.

(45. g) Einem Stu/DEN\ten hat Maria heute in der Buchhandlung ein Buch gekauft.

(45. h) In der /BUCH\handlung hat Maria heute einem Studenten ein Buch gekauft.

(45. i) /HEU\te hat Maria in der Buchhandlung einem Studenten ein Buch gekauft.

Em tais casos, o acento ascendente e o acento descendente também se reúnem em um só elemento. O efeito produzido, contudo, em

muitos casos, não é um efeito de contraste, mas sim, um efeito de **ênfase** (cf. Eroms 1986: 69 ss.).

(46) A – Was suchst /DU\ denn hier in der Bibliothek?

B – Dumme Frage. Ein /BUCH\ suche ich hier.

Em (46), observa-se as duas opções de deslocamento do acento principal. Na contribuição do falante A, o elemento *du* (não-topicalizado, mas trazendo informação já conhecida) recebe o acento. A interpretação exigida é contrastiva (o falante esperava qualquer pessoa mas não o destinatário). Na segunda frase da contribuição do falante B, o elemento *ein Buch* (topicalizado, mas trazendo informação não conhecida) recebe o acento. Desta vez, a interpretação exigida é enfática (o falante enfatiza a normalidade de seu empreendimento).

Para frases alemãs que contém, lado a lado, elementos que trazem informação conhecida e elementos que trazem informação não-conhecida, podemos formular uma regra que determina a distribuição do acento principal. Segundo esta regra, um elemento que traz uma informação conhecida pode ocorrer, quando não-acentuado, tanto como tópico quanto como não-tópico. Porém, quando acentuado, tal elemento pode ocorrer apenas como tópico. Por outro lado, um elemento que traz uma informação não-conhecida, quando acentuado, pode ocorrer tanto como tópico quanto como não-tópico, mas, quando não-acentuado, pode ocorrer apenas como não-tópico.

Para a colocação do acento principal, usaremos o termo **rematização** (cf. Eroms 1995: 61). Rematização e topicalização são os processos principais, pelos quais a estrutura informacional da oração se interliga com a do texto.

- Enquanto a topicalização estrutura a oração da esquerda para a direita, a rematização a estrutura da direita para a esquerda. Segundo os princípios da topicalização, o elemento mais adequado deve ocupar o campo inicial, sendo seguido pelos demais elementos na seqüência de sua adequação para o tópico. Segundo o princípio da rematização, o elemento

mais adequado deve ocupar uma posição próxima ao final da oração, criando-se efeitos especiais pelo deslocamento do núcleo remático para a esquerda. Os efeitos mais fortes são criados por núcleos remáticos topicalizados.

- Enquanto a topicalização refere-se a uma posição sintática definida e é organizada por um conjunto de princípios, a rematização concerne a todas as posições sintáticas e é organizada por um só princípio.

- Enquanto a topicalização interliga a oração com o contexto à sua esquerda, a rematização prepara, a partir da oração, o contexto à sua direita.

4.10. Alguns casos especiais

Em conversas quotidianas encontram-se frequentemente orações do seguinte tipo (cf. HAFKA 1982: 197):

(47.a) Das /WAS\ser kocht.

(48.a) Die /POST\ist da.

(49.a) Das /TElefon klingelt.

Tais orações começam com o núcleo remático topicalizado. Mas a entidade designada é marcada como conhecida pelo artigo definido. O falante chama a atenção do interlocutor para tal entidade, a fim de indicar que essa está envolvida num acontecimento que, mesmo sendo típico, exige uma reação súbita. O que interessa é particularmente a entidade, pois o falante supõe que, a partir da atenção chamada, o interlocutor já conseguirá prever o tipo de acontecimento de que se trata e o tipo de reação que é exigida. Frases como (47.a) a (49.a) são interpretadas como (levemente) enfáticas.

Em alguns casos, porém, a topicalização do núcleo remático pode dar a impressão de ser a serialização não-marcada que, por isso, não produz nenhum efeito particular. Segundo FARBAS (1966b: 243 ss.), isto acontece com o que ele chama de *verbos de entrada em cena* (inglês *verbs of appearance on the scene*):

(50.a) Ein /MÄDchen kam herein.

A nosso ver, no entanto, exemplos como (50.a) não se distinguem fundamentalmente de exemplos como (47.a) a (49.a). Em ambos os casos, o maior interesse recai na entidade, enquanto o acontecimento é *previsível*. A diferença principal, que se articula também na diferença no uso dos artigos, é que, em (47.a) a (49.a), a entidade vale como já conhecida, enquanto em (50.a) vale como ainda não-conhecida. (50.a) também deve ser interpretada como (levemente) enfática.

Um outro tipo especial de topicalização é a topicalização do grupo verbal. Compare-se os seguintes exemplos:

(51.a) Ma/RiA hat das Buch geKAUFT.

(51.b) Ge/KAUFT hat Maria das BUCH.

(51.c) Ge/KAUFT hat Maria das Buch.

Em (51.a), temos duas entidades consideradas conhecidas, envolvidas num acontecimento que representa a informação nova. O acento ascendente é colocado no tópico, enquanto o acento descendente recai na forma nominal do verbo (aqui, participio). Em (51.b), encontramos a situação invertida. Neste caso, o acontecimento é considerado conhecido (provavelmente pré-mencionado). O *livro*, mesmo sendo já conhecido (provavelmente a partir de conhecimento *tokens*), é apresentado como informação nova (pelo fato de que está envolvido no acontecimento). Casos como (51.b) são resultados de topicalização regular. Em (51.c), porém, o núcleo remático é topicalizado. Neste caso, os acentos se reúnem e a oração exige uma interpretação enfática. Como não existe nenhuma outra possibilidade de colocar o acento principal no verbo numa posição serial marcada, (51.c) também pode receber uma interpretação contrastiva.

É interessante que a possibilidade de topicalizar o verbo infinito não se restringe ao verbo em si. Conforme os objetivos do falante, o verbo pode levar consigo uma menor ou maior parte dos constituintes

sintáticos ligados a ele, mas apenas na seqüência não-interrompida, na qual são ligados, e com a única exceção do sujeito:

- (45. a) *Ma/Ri* hat heute in der Buchhandlung einem Studenten ein *BUCH* gekauft.
- (45. j) *Ge/KAUF*\ hat Maria heute in der Buchhandlung einem Studenten ein Buch.
- (45. k) *Ein/BUCH* gekauft hat Maria heute in der Buchhandlung einem Studenten.
- (45. l) *Einem Studenten ein/BUCH* gekauft hat Maria heute in der Buchhandlung.
- (45. m) *In der Buchhandlung einem Studenten ein/BUCH* gekauft hat Maria heute.
- (45. n) *Heute in der Buchhandlung einem Studenten ein/BUCH* gekauft hat Maria.

Evidentemente, orações destes tipos são usadas poucas vezes. (45. j) combina-se também com uma entonação análoga a (51. b). Apresentamos, aqui, apenas as variações enfáticas. Os exemplos mostram que, junto com o verbo infinito, pode ser topicalizado mais do que um elemento sintático, ou seja, o verbo infinito reúne-se variavelmente com constituintes ligados a ele, formando junto com eles um só elemento sintático. No caso extremo de (45. n), a oração é completamente invertida, sobrando apenas o sujeito na posição após o verbo finito no final da frase. Todas as variações (45. j) a (45. n) claramente devem ser interpretadas como enfáticas. Com a exceção de (45. j), no entanto, elas não permitem uma interpretação contrastiva, pois são resultados de topicalização do núcleo remático e não de seu deslocamento para uma posição no meio da oração.

Como último motivo para topicalizar elementos remáticos, queremos mencionar o desejo de tornar o texto mais interessante por meio de variação estilística. Quando o falante topicaliza sempre os elementos mais adequados, o fluxo de informação será completamente equilibrado, assim facilitando o mais possível a compreensão. Isto, porém, pode causar mo-

notonia e fazer com que o receptor perca o interesse. Para evitar tal efeito indesejável, o falante pode preferir uma certa redução da cooperatividade, surpreendendo o receptor com tópicos inesperados. Essa estratégia é aplicada freqüentemente no início de parágrafos em textos jornalísticos (cf. THEIN 1994: 103):

- (52) (...) Als in Hörweite der neue Flughafen Rostock-Laage eröffnete und sie zum x-ten Mal zu hören bekam, mit ihrem Diplom sei sie schlicht überqualifiziert, packte Kerstin Meyer die Wut: „Ich behaupte jetzt einfach, daß ich keinen Abschluß habe. Sieben Jahre Schule, Schluß – dann nehmen sie mich wenigstens zum Putzen.“
- Eine Hoffnung gibt es für Kerstin Meyer (...): (Die Woche, 29. 09. 1995)

- (53) (...) Seit fünf Jahren versucht die Bürgermeisterin, von der Treuhand (...) ein altes Gutshaus für die Gemeinde zurückzubekommen. (...) im Sommer 1995, bekam die Gemeinde den Zuschlag – leider sind die Förder-Richtlinien, um das alte Haus zu renovieren, am 31. Dezember 1994 abgelaufen.

Große Pläne hat die Bürgermeisterin auch für das alte Ferienlager der Volkspolizei, das nach der Wende in Gemeindebesitz überging. (...) (ib.)

- (54) (...) Zusätzliche Hilfe will das Akademische Auslandsamt der Universität Bonn mit einer eigenen Aktion bieten, die jetzt beginnt (...). Vor allem Studierende (...) aus Afrika und auch aus Osteuropa finden kaum eine Unterkunft.
- Verstärkt sucht die Bonner Uni auch für Stipendiaten und Gasprofessoren möblierte Zimmer und Wohnungen für die Dauer von drei bis zwölf Monaten. (...) (Generalanzeiger für Bonn, 22. 08. 1991)

Em todos estes exemplos, encontramos bons candidatos à topicalização que, no entanto, não foram topicalizados: *für Kerstin Meyer, die Bürgermeisterin, die Bonner Uni* (os três, pré-mencionados). A topicalização de elementos atípicos desperta a atenção do receptor, assim tornando a leitura mais agradável e eficaz.

4.11. Três tipos de tópicos

Pelo exposto, distinguem-se **tópicos não-marcados** e **tópicos marcados** (cf. Erolvs 1986: 67 ss.). Os primeiros são caracterizados pela obediência aos princípios de topicalização e, na fala, pela ausência de acento. Os últimos caracterizam-se por seu valor remático e enfático e, na fala, são portadores do acento frasal.

Existe no entanto, no alemão, um terceiro tipo de tópico, a saber, o **tópico semanticamente vazio**, realizado pelo elemento expletivo *es* (cf. ib.: 70):

(55.a) *Es kamen viele Möpse und gruben ihm ein Grab.*

Muitas vezes (p. ex. DIEBWARD 1993: 220), esta construção é confundida com casos nos quais o *es* exerce a função do sujeito:

(56.a) *Es regnet.*

Nota-se que, em casos como (56.a), o verbo concorda em número e pessoa com o elemento *es*, o qual também é mantido na inversão:

(56.b) *Regnet es?*

Em casos como (55.a), porém, não acontecem nem a concordância nem a manutenção na inversão:

(55.b) **Es kam viele Möpse.*

(55.c) **Kamen es viele Möpse?*

Em (56.a), o *es* é sujeito, enquanto em (55.a) é exigido para manter o verbo finito na segunda posição e, portanto, é tópico semanticamente vazio e sem o valor de complemento gramatical.

Em analogia a (55.a), pode-se transformar frases como (50.a) em:

(50.b) *Es kam ein MÄDchen herein.*

Neste caso, o núcleo remático é colocado na posição neutra, evitando o efeito levemente enfático de (50.a).

Com (47.a) a (49.a), a situação é diferente. Nestas orações o sujeito é marcado como conhecido pelo artigo definido, de modo que transformações como (47.b) e (49.b) parecem mal-justificadas:

(47.b) *Es kocht das /WAS\ser.*

(49.b) *Es klingelt das /TE\llofon.*

Tais variações apenas são aceitáveis em contextos narrativos que carecem de relevância atual:

(47.c) *Es kochte das /WAS\ser.*

(49.c) *Es klingelte das /TE\llofon.*

Com (48.b), contudo, não há qualquer dificuldade:

(48.b) *Da ist die /POST\.*

Diferentemente de (48.a), quem fala (48.b) provavelmente não espera nenhuma reação súbita.

As regras que determinam o uso de tópicos semanticamente vazios são muito complexas e, até o momento, não foram adequadamente pesquisadas. Nós gostaríamos de distinguir três motivos pragmáticos interligados, que podem levar ao uso do *es* expletivo.

Na maioria das vezes, o *es* expletivo é usado junto a elementos que trazem informação ainda não conhecida. Um primeiro motivo já mencionado para tal uso é a possível **redução de ênfase** neste elemento, evitando sua topicalização.

O efeito pode ser melhor estudado em mais um exemplo:

(57. a) Im /ZIMmer // waren /ZWANzig PerSOnen.

Neste caso, o princípio da informação conhecida é respeitado, topicalizando-se um elemento provavelmente pré-mencionado. A serialização também concorda com o princípio de sitramento. O núcleo remático realizado pelo elemento *zwanzig Personen* ocupa o último lugar, embora este seja o sujeito da oração. A estrutura é totalmente marcada.

Caso o falante queira enfatizar o elemento *zwanzig Personen*, ele poderia topicalizá-lo:

(57. b) /ZWANzig PerSOnen waren im Zimmer.

Nesta variação, o princípio de sitramento e (se pessoas presentes ainda não foram o assunto no contexto anterior) o princípio da informação conhecida são desrespeitados. Apesar de obedecer ao princípio de empatia e com o sujeito na primeira posição, à serialização básica, esta variação fica marcada, pois princípios mais fracos prevalecem sobre princípios mais fortes.

A fim de produzir uma variação com menos ênfase, o falante pode deslocar o elemento *zwanzig Personen* para a terceira posição, após o verbo finito, preenchendo o campo inicial com o elemento *es*:

(57. c) Es waren /ZWANzig PerSOnen im Zimmer.

Observamos, nesta variação, um início menos abrupto da oração. A construção com o *es* funciona como preparo para o destinatário, indicando que agora será apresentada uma entidade nova. Seu sentido comunicativo corresponde a convites como “*Olhe!*”, “*Veja bem!*” ou “*Preste atenção!*” em português. Este tipo de construção foi denominado **construção presentativa** (inglês *presentative construction*) pelo linguista norte-americano DWIGHT BOLINGER (cf. 1977: 93 ss.).

Um terceiro motivo para usar o *es* expletivo refere-se a casos nos quais não há, entre os elementos disponíveis, um candidato preferível a topicalização, ou seja, todos os elementos são igualmente pouco adequados. Podemos-nos servir de uma variação do mesmo exemplo:

(57. d) In einem /ZIMmer // waren /ZWANzig PerSOnen.

Nesta frase, que obedece ao princípio de sitramento, o núcleo remático recai no sujeito *zwanzig Personen*. Este elemento, portanto, deve trazer a informação mais importante.

Caso o falante queira apresentar o local como a informação mais importante, deveria inverter a serialização e colocar o acento descendente no substantivo *Zimmer*:

(57. e) /ZWANzig Personen waren in einem ZIMmer.

Neste caso, porém, o sujeito *zwanzig Personen*, ainda menos do que em (57. b), justifica a topicalização. Como nenhum componente do fato designado parece já conhecido, seria provavelmente mais adequado apresentar o fato inteiro como informação nova. Esta possibilidade é garantida pela introdução de *es*:

(57. f) Es waren /ZWANzig Personen in einem ZIMmer.

O terceiro motivo para usar tal construção é, portanto, a desejada **rematização do situamento** quando apresenta um fato inteiramente novo.

5. Conclusão

Nossa pesquisa mostrou que a estrutura informacional do texto é determinada a partir de duas direções: o processo de topicalização organiza a informação da esquerda para a direita, e o núcleo remático tem repercussões da direita para a esquerda.

Neste artigo, ocupamo-nos principalmente do processo de topicalização. Identificamos três tipos de tópicos: os não-marcados, os marcados e os semanticamente vazios. Nosso interesse recaiu particularmente sobre os tópicos não-marcados e os princípios que os regem.

Começamos com a análise da base gramatical, definida pelos padrões sintáticos. Como um primeiro motivo para a topicalização, identificamos a presença de elementos relativos e interrogativos.

A seguir, estabelecemos como princípio constitutivo o princípio pragmático da informação conhecida. Em conjunto com ele operam cinco princípios regulativos, dos quais os três primeiros são semânticos (os princípios de situamento, empatia e iconicidade), enquanto os dois últimos são pragmáticos (os princípios dos termos crescentes e dos conectores de discurso).

Quanto aos tópicos marcados, definimo-los como portadores do núcleo remático. Quanto aos tópicos semanticamente vazios, distinguimos diferentes contextos que podem levar à sua utilização.

Referências bibliográficas

- AMMANN, Hermann. *Die menschliche Rede. Sprachphilosophische Untersuchungen*, Teil II, Lahrt i.B., Schauenburg, 1928.
- DE BEAUGRANDE, Robert-Alain & DRESSLER, Wolfgang Ulrich. *Einführung in die Textlinguistik*, Tübingen, Niemeyer, 1981.

BEHAGHEL, Otto. *Deutsche Syntax. Eine geschichtliche Darstellung*, Band IV, Heidelberg, Winter, 1932.

BISLE-MÜLLER, Hansjörg. *Artikelwörter im Deutschen. Semantische und pragmatische Aspekte ihrer Verwendung*, Tübingen, Niemeyer, 1991.

BLÜHDORN, Hardarik. *Funktionale Zeichentheorie und deskriptive Linguistik. Ein Entwurf am Beispiel des Gegenwartsdeutschen*, Erlangen, Palm & Enke, 1993(a).

_____. "Deixis und Deiktika in der deutschen Gegenwartssprache". In: *Deutsche Sprache* 21, p. 44-62, 1993(b).

_____. "Was ist Deixis?" In: *Linguistische Berichte* 156, p. 109-142, 1995(a).

_____. "Deixis, cognição e estrutura textual". In: *Cadernos de Letras* 11, Rio de Janeiro, UFRJ, p. 147-152, 1995(b).

BOLINGER, Dwight. "There". In: BOLINGER, Dwight. *Meaning and Form*, London, Longman, p. 90-123, 1977.

BORBA, Francisco da Silva et al. *Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil*, 2ª ed., São Paulo, UNESP, 1991.

BRINKER, Klaus. *Linguistische Textanalyse. Eine Einführung in Grundbegriffe und Methoden*, 3ª ed., Berlin, Erich Schmidt, 1992.

BUSSMANN, Hadumod. *Lexikon der Sprachwissenschaft*, 2ª ed., Stuttgart, Kröner, 1990.

CHAFE, Wallace L. "Language and Consciousness". In: *Language* 50, p. 111-133, 1974.

_____. *Significado e Estrutura Lingüística*, (trad. M.H. de Moura Neves, O.G.L. Almann de Souza Campos e S.V. Rodrigues), Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1979.

_____. *Discourse, Consciousness, and Time. The Flow and Displacement in Speaking and Writing*, Chicago, University Press, 1994.

COMRIE, Bernard. *Language Universals and Linguistic Typology. Syntax and Morphology*, 2ª ed., Oxford, Basil Blackwell, 1983.

DANEŠ, František. "Zur linguistischen Analyse der Textstruktur". In: *Folia Linguistica* 4, p. 72-78, 1970.

- DREWALD, Gabriele. "Zur Grammatikalisierung der Modalverben im Deutschen". In: *Zeitschrift für Sprachwissenschaft* 12, p. 218-234, 1993.
- DOWNING, Angela. "An alternative approach to theme: A systemic-functional perspective". In: *Word* 42, p. 119-143, 1991.
- DUBEN. *Die Grammatik*, (Duden Vol. 4), Mannheim, Bibliographisches Institut, 1984.
- EISENBERG, Peter. *Grundriss der deutschen Grammatik*, 3^e ed., Stuttgart, Metzler, 1994.
- ENGEL, Ulrich. *Deutsche Grammatik*, Heidelberg, Groos, 1988.
- BROMS, Hans Werner. *Funktionale Satzperspektive*, Tübingen, Niemeyer, 1986.
- _____. "Die Thema-Rhema-Gliederung aus grammatischer Perspektive". In: Popp, Heidrun (org.). *Deutsch als Fremdsprache. An den Quellen eines Faches* (Festschrift für Gerhard Helbig zum 65. Geburtstag), München, Judicium, p. 53-67, 1995.
- FERNANDES, Francisco. *Dicionário de verbos e regimes*, 38^a ed., São Paulo, Globo, 1991.
- FILLMORE, Charles J. "The Case for Case". In: BACH, Emmon & HARMS, Robert T. (org.). *Universals in Linguistic Theory*, New York, Holt, Rinehart and Winston, p. 1-88, 1968.
- FREYAS, Jan. "A Note on Transition Proper in Functional Sentence Analysis". In: *Philologica Pragensia* 8, p. 170-176, 1965.
- _____. "On Defining the Theme in Functional Sentence Analysis". In: *Travaux Linguistiques de Prague 1: L'École de Prague d'aujourd'hui*, Alabama, University Press, p. 267-280, 1966(a).
- _____. "Non-Thematic Subjects in Contemporary English. A Contribution to the Problem of Central and Peripheral Phenomena in the System of Functional Sentence Perspective". In: *Travaux Linguistiques de Prague 2: Les problèmes du centre et de la périphérie du système de la langue*, Alabama, University Press, p. 239-256, 1966(b).
- _____. "On the Delimitation of the Theme in Functional Sentence Perspective". In: DIRVEN, René & FRIED, Vilém (org.). *Functionalism in Linguistics*, Amsterdam. John Benjamins, p. 137-156, 1987.

- _____. *Functional sentence perspective in written and spoken communication*, 2^e ed., Cambridge, University Press, 1995.
- FRAWLEY, William. *Linguistic Semantics*, Hillsdale, Erlbaum, 1992.
- GÜLLICH, Elisabeth & RAIBLE, Wolfgang. *Linguistische Textmodelle*, München, Fink, 1977.
- HARTKA, Brigitte. "Thesen zu Prinzipien der deutschen Wortstellung". In: *Deutsch als Fremdsprache* 19, p. 193-202, 1982.
- HALLIDAY, M.A.K. "Notes on transitivity and theme in English, Part 2". In: *Journal of Linguistics* 3, p. 199-244, 1967.
- _____. "Language Structure and Language Function". In: LYONS, John (org.). *New Horizons in Linguistics*, Harmondsworth, Penguin, p. 140-165, 1970.
- _____. *An Introduction to Functional Grammar*, 2^e ed., London, Edward Arnold, 1994.
- _____. & HASAN, Rukaiya. *Cohesion in English*, London, Longman, 1976.
- HARWEG, Roland. *Pronomina und Textkonstitution*, 2^e ed., München, Fink, 1979.
- HEIDOLPH, Karl Erich, FLÄMIG, Walter, MORTSCH, Wolfgang & al. *Grundzüge einer deutschen Grammatik*, 2^e ed., Berlin, Akademie, 1984.
- HEINEMANN, Wolfgang & VIENWEGER, Dieter. *Textlinguistik. Eine Einführung*, Tübingen, Niemeyer, 1991.
- HELBIG, Gerhard & BUSCHA, Joachim. *Deutsche Grammatik. Ein Handbuch für den Ausländerunterricht*, 9^e ed., Leipzig, Enzyklopädie, 1986.
- HELBIG, Gerhard & SCHENKEL, Wolfgang. *Wörterbuch zur Valenz und Distribution deutscher Verben*, 2^e ed., Leipzig, Bibliographisches Institut, 1973.
- HENTSCHEL, Elke. "Partikeln und Wortstellung". In: WEYDT, Harald (org.). *Partikeln und Interaktion*, Tübingen, Niemeyer, p. 46-53, 1983.
- KALLMEYER, Werner & MEYER-HERMANN, Reinhard. "Textlinguistik". In: ALTHAUS, Hans Peter, HENNE, Helmut & WIEGAND, Herbert Ernst (org.). *Lexikon der Germanistischen Linguistik*, 2^e ed., Tübingen, Niemeyer, p. 242-258, 1980.

- KOCH, Ingedore Villaga. *A Coesão Textual*, 6ª ed., São Paulo, Contexto, 1993.
- _____, & TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A Coerência Textual*, 5ª ed., São Paulo, Contexto, 1993.
- _____, & _____. *Texto e Coerência*, 4ª ed., São Paulo, Cortez, 1995.
- LEISS, Elisabeth. *Die Verbalkategorien des Deutschen. Ein Beitrag zur Theorie der sprachlichen Kategorisierung*, Berlin, de Gruyter, 1992.
- LÖTSCHER, Andreas. *Text und Thema. Studien zur thematischen Konstituierung von Texten*, Tübingen, Niemeyer, 1987.
- LUTZ, Luise. Zum Thema "Thema". *Einführung in die Thema-Rhema-Theorie*, Hamburg, HBA, 1981.
- LYONS, John. *Semantics*, Cambridge, University Press, 1977.
- MAGNUSUS, Vilém. "On Linguistic Characterology with Illustrations from Modern English". In: VACHEK, Josef (org.). *A Prague School Reader in Linguistics*, Bloomington, Indiana University Press, 2ª ed., p. 59-67, 1966 (1928).
- _____. "Functional Linguistics". In: VACHEK, Josef (org.). *Pragmatics, Some Basic and Less Known Aspects of the Prague Linguistic School*, Praha, Academia, p. 121-142, 1983 (1929).
- _____. "Verstärkung und Emphase". In: VACHEK, Josef (org.). *A Prague School Reader in Linguistics*, Bloomington, Indiana University Press, 2ª ed., p. 426-432, 1966 (1939).
- PAUL, Hermann. *Prinzipien der Sprachgeschichte*, Tübingen, Niemeyer, 1920.
- PERCE, Charles S. *Phänomen und Logik der Zeichen* (ed. e trad. Helmut PAPE), Frankfurt, Suhrkamp, 1983.
- PRIMUS, Beatrice. *Grammatische Hierarchien. Eine Beschreibung und Erklärung von Regularitäten des Deutschen ohne grammatische Relationen*, München, Fink, 1987.
- PRINCE, Ellen F. "Toward a Taxonomy of Given-New Information". In: COLE, Peter (org.). *Radical Pragmatics*, New York, Academic Press, p. 223-255, 1981.

- RICKHEIT, Gert & STROHNER, Hans. "Towards a Cognitive Theory of Linguistic Coherence". In: *Theoretical Linguistics* 18, p. 209-237, 1992.
- _____, SICHELSCHMIDT, Lorenz & STROHNER, Hans. "Economic Principles in Coherence Management: A Cognitive Systems Approach". In: RICKHEIT, Gert & НАВЕЛ, Christopher (org.). *Focus and Coherence in Discourse Processing*, Berlin, de Gruyter, p. 170-189, 1995.
- SAPIR, Edward. *Language. An Introduction to the Study of Speech*, New York Harcourt, Brace & World, 1921.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Grundfragen der allgemeinen Sprachwissenschaft*, (trad. Herman LOMMEL, ed. Peter von POLLENZ), Berlin, de Gruyter, 1967.
- SCHADE, Ulrich, LANGNER, Hagen, RUTZ, Helke & SICHELSCHMIDT, Lorenz. "Kohärenz als Prozeß". In: RICKHEIT, Gert (org.). *Kohärenzprozesse. Modellierung von Sprachverarbeitung in Texten und Diskursen*, Opladen, Westdeutscher Verlag, p. 7-58, 1991.
- SHECKER, Michael & WUNDERL, Peter (org.). *Textgrammatik. Beiträge zum Problem der Textualität*, Tübingen, Niemeyer, 1975.
- SCHMIDT, Siegfried J. *Texttheorie*, 2ª ed., München, Fink, 1976.
- SCHNOTZ, Wolfgang. *Aufbau von Wissensstrukturen. Untersuchungen zur Kohärenzbildung bei Wissenserwerb mit Texten*, Weinheim, Psychologie Verlags Union, 1994.
- SCHWARZ, Monika. *Kognitive Semantiktheorie und neuropsychologische Realität. Repräsentationale und prozedurale Aspekte der semantischen Kompetenz*, Tübingen, Niemeyer, 1992.
- SOWINSKI, Bernhard. *Textlinguistik. Eine Einführung*, Stuttgart, Kohlhammer, 1983.
- STROHNER, Hans & RICKHEIT, Gert. "Kognitive, kommunikative und sprachliche Zusammenhänge: Eine systemtheoretische Konzeption linguistischer Kohärenz". In: *Linguistische Berichte* 125, p. 3-23, 1990.
- THEIN, Maria Luise. *Die informationelle Struktur im Englischen. Syntax und Information als Mittel der Hervorhebung*, Tübingen, Niemeyer, 1994.
- THURMAIR, Maria. "Äußerungsform oder Äußerungsfunktion? Zu den Bedingungen für das Auftreten von Modalpartikeln". In: *Deutsche Sprache* 21, p. 22-43, 1993.

A PARTÍCULA ALEMÃ DOCH E SEUS EQUIVALENTES

Célia Maria Garcia Manoel*

TRAVNÍČEK, F. "O tak zvaném aktuálním členění větém" (On the so-called Functional Sentence Perspective). In: *Slovo a Slovesnost* 22, p. 163-171, 1962.

VAN DIJK, Teun A. & KINTSCH, Walter. *Strategies of Discourse Comprehension*, Orlando, Academic Press, 1983.

VATER, Heinz. *Einführung in die Textlinguistik*, München, Fink, 1992.

VON DER GABELNITZ, Georg. *Die Sprachwissenschaft. Ihre Aufgaben, Methoden und bisherigen Ergebnisse*, 3^a ed., Tübingen, Narr, 1984 (1901).

WEGENER, Heide. *Der Dativ im heutigen Deutsch*, Tübingen, Narr, 1985.

WEIGAND, Edda. "Zum Zusammenhang von Thema/Rhema und Subjekt/Prädikat". In: *Zeitschrift für Germanistische Linguistik* 7, p. 167-189, 1979.

WEINRICH, Harald. *Textgrammatik der deutschen Sprache*, Mannheim, Dudenverlag, 1993.

ZEMB, Jean M. *Vergleichende Grammatik Französisch-Deutsch*, Teil I, Mannheim, Dudenverlag, 1978.

Abstract: German particles usually bring great difficulties to German students. One of these particles, *doch*, is very often used, especially in conversation. In this paper its various uses are discussed, as well as cases where it can be replaced by other particles, adverbs or conjunctions, without changing the illocution (that is, the intention of the speaker). This study is based on the work of HELBIG, who differentiates eight varieties of *doch*. Each of them is discussed here according to syntactic, semantic and pragmatic criteria and made explicit through examples.

Zusammenfassung: Die deutschen Partikeln bereiten den Deutschlernenden sehr oft Schwierigkeiten. Eine der am häufigsten gebrauchten, insbesondere in der gesprochenen Sprache, ist die Partikel *doch*. In diesem Artikel werden die verschiedenen Gebrauchsmöglichkeiten von *doch* untersucht, sowie Fälle, in denen es durch andere Partikeln, Adverbien oder Konjunktionen ersetzt werden kann, ohne daß die Illokution (d.h. die Sprechintention) der Äußerung verändert wird. Die Untersuchung basiert auf dem Werk HELBIGs, der acht Varianten von *doch* unterscheidet. Jede von ihnen wird hier nach syntaktischen, semantischen und pragmatischen Kriterien untersucht und durch Beispiele erläutert.

Palavras-chave: Partículas modais: semântica; Partículas modais: sintaxe.

1. Introdução

O principal intuito deste estudo é apresentar uma análise detalhada, mas ao mesmo tempo objetiva, da partícula alemã *doch*, que é uma das partículas mais ocorrentes na língua alemã, principalmente em seu uso oral. Assim como quase todas as partículas alemãs, *doch* constitui um "problema" para o ensino e aprendizado do alemão como língua estrangeira, principalmente por ser um fato específico da língua alemã, que não encontra correspondência direta no português.

* A autora é pós-graduanda do Departamento de Letras Modernas, Área de Alemão, da USP.